



Director literario:

Accipiter
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
 PAPUSSE

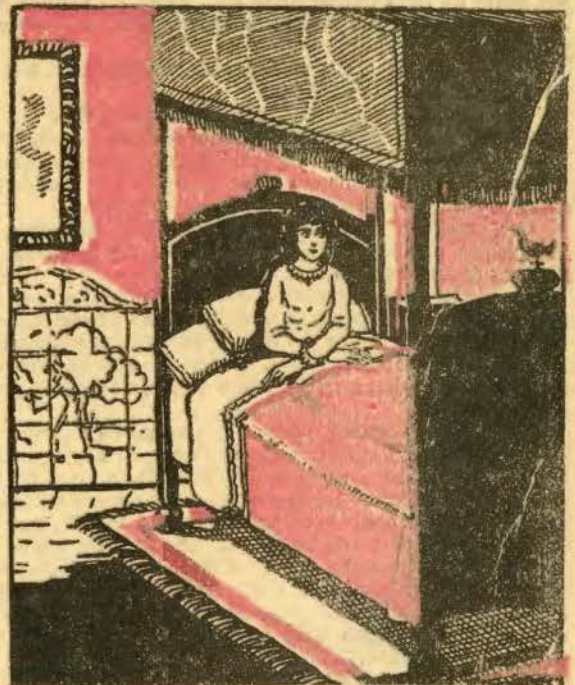
O BOLO de MEL

 POR MARIA LEONOR LIMA BRANDES
 Desenhos de EDUARDO MALTA


RA uma vez uma rainha que tinha uma filha de nome Gabriela, formosa em extremo e prendada. Os seus cabelos sedosos, pretos de azeviche, caiam-lhe em ondas caprichosas até quasi ao chão!

Havia, algures, um pintor apaixonado pela princesa que não dava atenção aos seus galanteios. O pintor um dia ofereceu-lhe o retrato dela feito a óleo. O retrato foi pintado segundo a imaginação do pintor

e ficou tão parecido que a princesa Gabriela parecia viva na tela! A princesa aceitou o retrato mas foi logo escondê-lo



por causa do pai que tinha muito mau génio. O rei sabia que o pintor andava apaixonado pela princesa,

Isto foi passado no tempo em que os animais falavam. Uma vez um pintarróxo entrou pela janela do quarto da princesa e foi pousar na coroa do leito, dizendo-lhe:

— Eu sou a fada tua protectora. Não tenhas medo que o rei não te faz mal. Eu não o consentirei. Dize, portanto, ao rei que o pintor te ofereceu o teu retrato, pintado por ele próprio, segundo a sua imaginação. E, dizendo isto, o pintarróxo bateu as asas e fugiu.

A princesa ficou muito pensativa porque tinha medo de dizer ao pai que o pintor lhe dera o retrato, pois o rei não queria nem ouvir falar no pintor. A princesa sabia que seu pai era muito seu amigo, mas que, se lhe contasse a história do retrato, era capaz de a castigar.

Um dia encontrou o pai muito contente e conversador, afoitou-se e contou-lhe. O rei, assim que ouviu a filha dizer que o pintor lhe tinha dado o retrato, ficou furioso, as suas feições transformaram-se por completo. A filha quiz acalmá-lo e não o conseguiu. Então, o rei mandou enclausurar a princesa numa torre muito escura e muito alta. O pintor, que foi disto avisado pelo pintarroxo, por mais voltas que desse à imaginação, não descobria a maneira de salvar a sua



apaixonada. Chorou de raiva e toda a noite andou de vigia em volta da torre que só tinha uma porta que deitava para o mar. O pintarroxo tornou a aparecer-lhe e consolou o pintor.

— Não chores mais; eu amanhã ensinar-te-hei a forma de tirares a princesa da torre.

O pintor não chorou mais e o pintarroxo partiu.

A rainha no outro dia adoeceu e os médicos não foram capazes de descobrir a doença. Foram chamados todos os sábios; houve um que disse que a rainha não recuperaria a saúde enquanto não comesse um bolo de mel.

Ora, naquele país não havia mais que um cortiço de abelhas, o que não admira porque foi no princípio das abelhas aparecerem no mundo.

Os médicos não acreditavam semelhante disparate, mas o rei quiz à viva força que se desse o bolo de mel a comer à rainha. O possuidor do cortiço já tinha vendido todo o mel mas não sabia a quem. O bolo de mel não aparecia para dar à rainha, a rainha não o comia, e se não o comia não se salvava.

O pintarroxo apareceu novamente ao pintor e disse:

— Vai a casa do ferrador de Freixo de Espingarda às Costas, e pede à filha que te dê o bolo de mel que ela tem guardado no esconso. Depois de teres o bolo em teu poder, avisa o rei de que sabes onde está um bolo de mel, mas que há-de êle dar-te a palavra de rei, (que naquele tempo não voltava atrás), em como te dará a princesa em casamento. O pintor mandou dizer ao rei o que lhe tinha ensinado o pintarroxo. O rei quando soube da proposta do pintor, mandou-o prender noutra torre ao lado daquela onde estava a princesa sua amada.

O pintarroxo foi à torre onde estava a princesa e disse-lhe que o rei tinha mandado prender também o pintor. Contou-lhe tudo.

A princesa começou a chorar, porque já amava o pintor. O pintarroxo disse à princesa que só havia um meio de saírem da torre e de salvar a rainha. O pintarroxo disse também à princesa que sua mãe, de facto, não se salvaria se não comesse o bolo de mel.

— Queres fugir com o pintor?!

A princesa perguntou ao pintarroxo se não havia outro meio de salvar a rainha. O pintarroxo disse que não e a princesa consentiu em ser raptada. Então, o pintarroxo foi levar duas penas da sua asa esquerda ao pintor, penas que logo na torre se transformaram, uma numa picareta e outra numa pá. Com estas duas peças de ferramenta, o pintor

começou a abrir um túnel que havia de ir dar à torre onde estava a princesa. Ao meio do túnel o pintor encontrou uma caixinha muito linda, apanhou-a e ia a abri-la quando lhe apareceu o pintarroxo e lhe disse que não a abrisse senão quando a princesa passasse para o lado de cá. O pintor assim fez. Quando o túnel chegou ao outro lado a princesa já estava à espera do pintor e caíram nos braços um do outro.

Era meia noite. O pintor e a princesa saíram para fora da torre, e, uma vez em liberdade, o pintor lembrou-se da caixinha, tirou-a do bolso e viu que continha outras duas penas da asa direita do pintarroxo, que logo se transformaram, uma num lindo cisne e a outra num lindo carrinho. Voou pelo espaço além, e foram dar a um palácio muito grande e muito rico. Apearam-se e logo apareceram muitos criados fardados que os conduziram ao interior do palácio. Ainda não era manhã, mas encontravam-se separados do palácio do rei, por muitos milhares de léguas.

O pintarroxo quando viu que os fugitivos tinham chegado ao seu destino, foi dizer ao pai da princesa que esta tinha fugido com o pintor.

O rei ficou nervoso e jurou matar o pintor.

— Não jures, rei, porque o teu juramento não se cumpre. Fui eu que dei a fuga à princesa e ao pintor. A rainha, não se salva, enquanto não comer o bolo de mel que o pintor tem consigo.

— Mas o quê? O pintor sempre tem o tal bolo?

— Sim, tem, e a rainha não vive mais que um dia se não o comer.

O rei, que gostava muito da rainha, não queria que ela morresse, e sabia que tudo quanto o pintarroxo lhe dizia era verdade. Já tinha isso por experiência própria em certos casos em que o pintarroxo tinha intervindo,

— Onde está a princesa com o pintor?

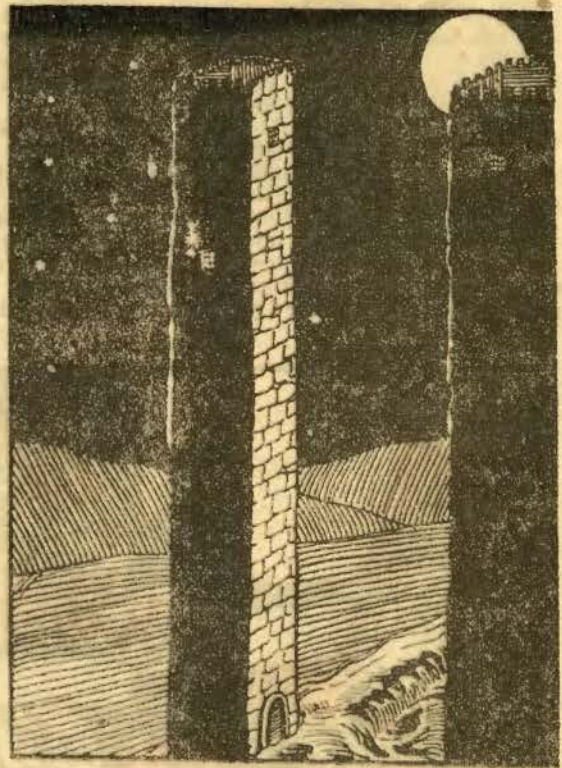
— Num país desconhecido.

E podés lá ir buscá-los? Tens tempo?

— Tenho. Foram para lá ainda ontem em duas horas,

— Então vai lá buscá-los.

— Não é preciso. Eu mando um emissário,



Daí a três horas chegava o cisne com os fugitivos.

O pintor trazia o bolo de mel que deu à princesa e quando esta o deu a comer à mãe, salvou-a logo. E olhem, meus meninos, que a rainha, estava quasi a dar o último suspiro! E sabido que houve festas muito brilhantes no palácio e que a princesa casou com o pintor. O rei ficou arrependido de ter feito mal à princesa e ao pintor, mas já estava feito, não tinha remédio.



GYMKANA

POR

GRACIETTE BRANCO

DESENHO DE EDUARDO MALTA



...«Bumba...»
Bumba que zumba!...»
... Catapumba...»

Avante!
Já falta pouco!...»

—E ao sóco
ao encontrão
—catapão!
—catrapás!

Toda a menina e rapaz
qu'ria passar para a frente,
e ganhar a dianteira,
com a rica
barrica
de madeira...»

(Isto deu-se, há uma semana,
na gymkana
da Figueira.)

A Lotinha,
loirinha,
miúda,
sisuda,
lá andava
a correr,
a gemer
em pulinho cançado...»
de volta da rica
barrica
vazia,
que vinha
e que ia,

fugia
p'r'o lado...»

«...; Que grande maçada!...»
—dizia, cansada,

Lotinha
loirinha!!
... (Mas é que ali perto;
num certo
lugar,
estavam «bonitos»,
bonecas, cabritos,
bêbês exquisites
e prendas sem par...)

—E como a Lotinha,
loirinha,
sonsinha,
as qu'ria ganhar,
guiava a barrica,
que, qual mafarrica,
se punha a saltar...»

Emtanto, Lotinha,
contente,
doidinha,
em gritos ladinos,
num esforço ligeiro,
chegou, velozmente,
primeiro
que os outros meninos!

E agora, num—Ah!—
entregam-lhe já

(vestida de lã)
uma bonequina
rosada, fresquinha,
com faces a arder,
que sabe dizer
—papá e Mamã!...»

Lotinha,
loirinha,
doidinha,
contente,
não sabe o que sente,
lão contente
está!

E põe-se a pular,
ouvindo-a gritar
na sua vozinha
fraquinha
mas sã:
—«Mamã e Papá...»
—Papá e mamã...»

Emtanto, na estrada,
p'r' além da cancela,
medita, parada,
olhando p'ra ela,
uma criancinha...»
Lotinha adivinha
a máguia latente,
que vai nêsse olhar...»
e o seu coração

(Continua na página 6)

OS PALHAÇOS

NOVELA INFANTIL

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

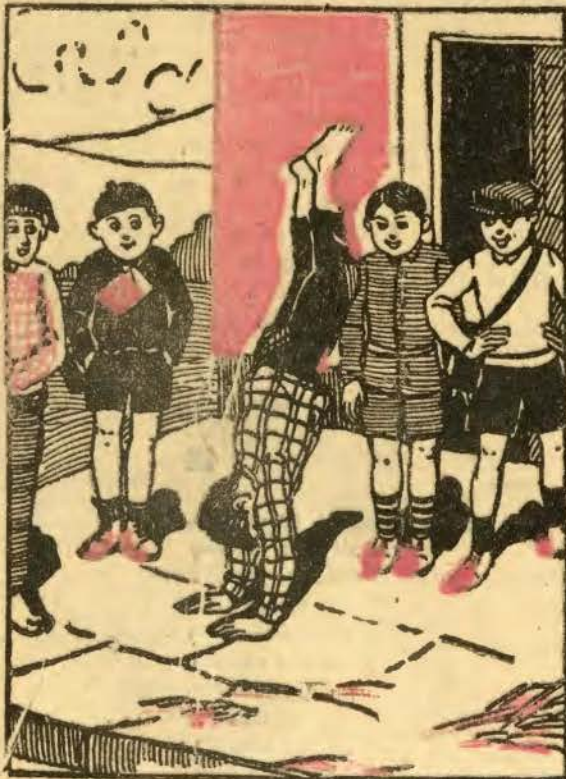
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



EDRO e Paulo eram dois irmãos-zinhos, órfãos de pai e mãe, sobrinhos da Ti'Ana e do Tio Anastácio, modestos lavradores que viviam entregues ao amanho de umas pequenas terras que possuíam na Aldeia de Paio Pires.

Pedro tinha dez anos e Paulo apenas nove. Apesar de tão pequeninos, Ti'Ana e Tio Anastácio obrigavam-os a trabalhar com eles na pequena herdade, encarregando-os de

sachar a horta, fazendo-os andar num polvaró a compras e recados e impondo-lhes o de verde cuidarem dos porcos e da



criação, dando-lhes milho, amassando as sêneas e cortando as conves.

Paulito, como Pedro o tratava, e Pedrito como o tratava Paulo, apesar de serem muito amigos, eram muito diversos, no modo de ser, um do outro. Pedro, muito ajuizado, dava sempre boa conta de si nos amanhos da terra e nos serviços caseiros de que o encarregavam. Ao contrário, Paulito não se conformava com aqueles trabalhos. A's vezes, Pedro ia dar com ele muito triste ou a chorar, sozinho, detrás de um canavial e, se ele lhe perguntava o motivo do seu choro, Paulito respondia entre soluços; — «é que já estou farto do sacho, da terra, dos porcos, e das sêneas!»

— «Mas farto porquê?!...» interrogava Pedro a quem nada ou pouco pesavam semelhantes serviços, Paulo calava-se; não sabia explicar... e continuava triste.

Ninguém o compreendia!

Sempre que a Ti'Ana e o Tio Anastácio o perdiam de vista, fugia para a eira e punha-se a rebolar sozinho sobre as aparas do milho, aos saltos, às cambalhotas, e a andar sobre as mãos, com a cabeça para baixo e as pernas para cima. Daquilo sim, daquilo é que ele gostava, — o grande traquinas! — daquela palhaçada que punha a rir a garotada toda da vizinhança, ao ponto de faltarem à escola, só para o verem dar cambalhotas.

Um sábado, à tarde, um tambor rufou por toda a aldeia: — rataplan-plan-plan... rataplan-plan-plan... intrigando deveras a curiosidade do ajuzado Pedro e sobretudo a do estouvado Paulo, que nunca tinham ouvido o rufar de um tambor.

Paulito que, nesse instante, estava sachando em companhia de Pedro, num canteiro onde o Tio Anastácio ia plantando uns pezinhos de alface, arriscou, timidamente, o que significaria o tocar do pandeiro?!... Seria outra vez o homem do urso que, no ano passado, por ali aparecera e tanto os fizera rir?!...

Mas o Tio Anastácio, que, nesse dia, estava de bom humor, pôs-se a rir da pergunta do Paulito e explicou-lhes, com ares de sabichão, que aquilo não era pandeiro mas sim tambor, um tambor anunciando a chegada de uns saltimbancos à aldeia.

— «E que são saltimbancos, Tio Anastácio?!» perguntou o Pedrito compreendendo a ansiedade de Paulo cuja timidez lhe não permitia arriscar mais perguntas.

— «São uma espécie de palhaços!» respondeu o Tio Anastácio. Então, já um pouco mais animado pela boa dis-

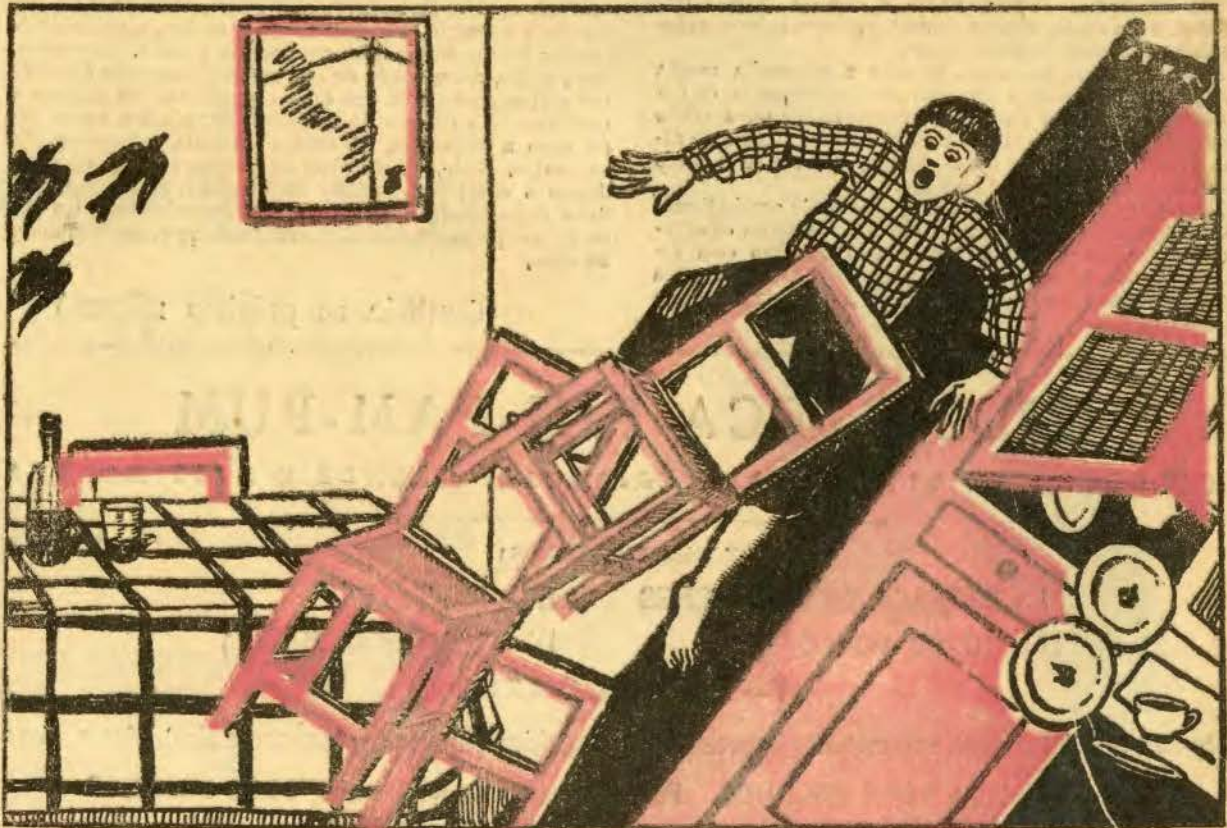
posição com que ele ia respondendo às perguntas, o Paulito explodiu: — «O' Tiozinho Anastácio e o que são palhaços?!» O Tio Anastácio, agora bastante atrapalhado com a coçou a cabeça, um pouco tartamudo, e gaguejou: — «palhaços... palhaços são uma espécie de saltimbancos, rapazes! Vocês amanhã verão... Eu levo-os a ver... Olha, Paulito... São uma espécie de traquinas como um, que nós conhecemos, que passa os dias na eira a dar cambalhotas. Então, Paulito baixando a cabeça já receando o não cumprimento da bela promessa, murmurou entre dentes, todo vermelho e confuso: —

«eu cá não torno mais, Tio Anastácio, mas leve-me também, amanhã, a ver os tamancos!» — «Ah, ah, ah!» riu com vontade o Tio Anastácio — (que, com o quasi toda a gente, reparava sempre nas asneiras que ouvia e nunca nas que dizia) — quais tamancos! Saltimbancos! Saltimbancos é que tu queres dizer!»



No seguinte domingo, à tarde, depois de toda a manhã haver rufado novamente o tambor: — rataplan-plan-plan... rataplan-plan-plan... rataplan-plan-plan... no largo maior da aldeia, todo o povo reunido, em volta de um trapézio sobre um enorme tapete de sarapilheira, aplaudia entusiasticamente um homem, uma mulher e uma pequenita de oito anos, muito loira e muito linda que, de

(Continua na página seguinte)





(Continuação da página anterior)

malha de seda cõr de rosa pálida, em cima de três cadeirinhas sobrepostas, sustentava sôbre os magrinhos ombros, num equilibrio difficil, o casal idôso, também vestido de malha cõr de rosa, desbotada do sol.

Tio Anastácio, Ti'Ana, Pedro e Paulito lá estavam, também, a um canto, entre a chusma dos espectadores endomingados com suas farpelas novas.

Após uma salva de palma, de novo a pequenita surgia cantando uma cançoneta bréjeira, ao som vibrante de um cornetim doirado, que enchia de espanto os olhinhos muito abertos de Paulito, tão alheio e atento, tão esquecido do sacho, da terra, dos porcos e das sêneas, que até fazia gosto à pequenita cantar a olhar para êle.

Nova salva de palmas e novas peripécias de acrobatismo, saltos e cambalhotas, fizeram rir a bandeiras soltas os espectadores que iam premiando todo aquele trabalho com cédulas de tostão, à medida que a pequenita, tão loira e tão linda, percorria a roda, de bandejinha estendida e um sorrisinho nos lábios,

Nova salva de palmas, novas peripécias, mais saltos, mais cambalhotas, novas cançonetas, novos equilibrios e a função terminou, finalmente, num dispersar de povo, que mais parecia o desmanchar de uma feira.

Afogueado, trémulo, com o olhar brilhante, quasi febril, ao chegar a casa, Paulito trazia ainda nos ouvidos o toque vibrante do cornetim e nos olhos incendiados a imagem da pequenita, tão loira e tão linda, aos saltos e às cambalhotas. Nunca na sua vida, embora ainda tão curta, havia visto coisa tão linda, nem sonhado com tanta maravilha!

Nisto, uma voz pausada, quasi arrastada e rouca, bem sua conhecida, tão diversa da voz fresca, maviosa e doce da pequenita, tão linda e tão loira, súbitamente, despertar do sonho em que ainda estava todo mergulhado, chamando-o à realidade da vida: — «Paulito, vai tratar da criação e dar de comer aos porcos. Anda, madraço, vai amassar a sênea, enquanto eu e o Pedro vamos lá abaixo à horta».

Mas Paulito, fazendo ouvidos de mercador, esperou um momento que a Ti'Ana se afastasse e, entrando em casa, foi direito à sala do jantar onde se dispôs a ensaiar o difficil equilibrio das cadeiras sobrepostas, o que era para êle muito mais divertido do que ir amassar as sêneas e dar de comer aos porcos. Exactamente no momento em que, encarpitado no alto da segunda cadeirinha, se dispunha a trepar, para a terceira, começou rufando lá fora, o *rataplan* do tambor anunciando novo espectáculo à noite. Ouvindo-o, teve, então, a impressão de que pertencia também à *troupe* dos saltimbancos e de que estava executando em público o mais arriscado número do programa. Parecia-lhe, agora, ver de novo a pequenita, tão loira e tão linda, estendendo-lhe os braços. Nisto, já em cima da terceira cadeira, mas perdendo o equilibrio, sentiu, súbitamente, desmornar-se a torre improvisada e tombar sôbre o armário da loiça que se fez em pequeninos cacos, estatelando-se estrondosamente no chão.

(Continúa no próximo número)

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

A COLECCAO DE LIVROS PARA CRIANÇAS, MELHOR E MAIS BARATA

VOLUMES PUBLICADOS:

I — BARRACA DE FANTOCHES

III — PÁ-TÁ-PÁ

II — CÔ-CO-RO-CÓ

IV — LANTERNA MÁGICA

V — PAPAGAIO AZUL

Note bem: Todos estes volumes são impressos em magnífico papel e profusamente ilustrados a cores

Preço por volume 5\$00 ESCUDOS. Para assinantes de «O Século» 4\$00 ESCUDOS

PEDIDOS A' NOSSA ADMINISTRAÇÃO

G I M K A N A

(Continuação da 3.ª página)

parece que sento
vontade fremente
que o faz soluçar...

... Não sabe por quê...
mas sente,
mas vê,
que a pobre criança,
—alminha sem 'sperança!
—carinha de fome!
—peitinho d'abrolhos!—
lhe come,
com os olhos,
a tal bonequinha
tolinha,
catita...

Então, a Lotinha,
(Meninos! Meninos!

Que acção tão bonita!)
vai, pé ante pé,
com grande emoção,
(Que lindo que é
ter bom coração!)
depór no regaço
da tal pòbrezinha;
a tal bonequinha
de doces olhares...
(; Anjinho do Ceu!)
e diz-lhe, em seguida,
(muito comovida),
com lindo embaraço;

«Vá, Leva-a, Dou-te eu,
é p'ra tu brincar...»

Meninos! Meninos!
Fazei sempre assim!

Vós sois pequeninos!
Fiai-vos em mim!

Se assim se portarem,
juro-lhes—embora
duvidem de mim—
que Nossa Senhora
(se algum dia entrarem
numa festa assim)
vos há-de guiar,
a tal barriquinha,
que, sem vos causar,
irá direitinha
do princípio ao fim...

Meninos! Meninos!
Fazei sempre assim!
Vós sois pequeninos!
Fiai-vos em mim!

"Biblioteca Pim-Pam-Pum!"

V VOLUME

■
O
PAPAGAIO
AZUL

■
Contos e ilustrações
DE
EDUARDO MALTA

■
A' VENDA



Bébé, Bibi e Bábá



Bébé, Bibi e Bábá,
São três irmãs pequeninas,
Que, na ausência do papá,
Se mostram muito traquinas.



Descem pelo corrimão,
Como quem dá ascensor vai;
Em riscos de um trambolhão
E contra as ordens do pai.



Assim que a casa chegava:
— «Andaram no corrimão?!» —
Logo o papá perguntava;
Mas respondiam que não!



Porém um dia — ô diacho! —
Ao virem, escarranchadas,
Pelo corrimão abalxo,
Viram que estavam pintadas!



Entanto, chega o papá,
Que, ao vê-las, diz: — «com que
então,
Bébé, Bibi e Bábá
Andaram no corrimão?!»



.....
E nisto — qual furacão —
Bibi, Bábá e Bébé,
Em lugar dum corrimão,
Levaram um «corripé!»

Adivinhas

Qual a coisa, qual será?
Qual a coisa, que há-de ser...?
Que ora é boa, ora é má,
E outras vezes de morrer?!

Que ou nos dá muita alegria
Ou nos dá muita tristeza;
E que vem por uma via
Com imensa ligeireza?

Umaz vezes pela terra
Outras vezes pelo mar
E, quando menos se espera,
Pelo ar?!

Romeu Mendes Ferrão

A N E D O T A S

CRIANÇAS TERRIVEIS

Uma vez em que se esperavam visitas de cerimónias em casa de D. Mariana, esta, sabendo qual o costume do seu filho Joãozinho, chamou-o e disse-lhe:
— Agora, ouve Joãozinho: — quando as visitas chegarem esta noite, tu irás para a cama logo que eu mande, ouviste?

Joãozinho concordou com as idéas da mamã...

A noite, a mãe disse:

— Agora o meu anjinho, vai-se deitar, não é verdade?

— Não vou! Quero ficar aqui mais tempo! — respondeu o diabrete, olhando para as visitas com olhos súplices.

— Vá... vá anjinho da mamã, amôzinhos — insistiu ela paciente. Mas Joãozinho sabia representar.

Agarrou-se às pernas de um senhor muito respeitado pela família, a cujos rogos a mamã resolveu deixar o anjinho mais uma hora.

— Fica meu anjo, mas porta-te bem, enquanto o papá canta. Não atrapalhes, sim?

— Ah! o papá vai cantar?

— Vou meu filhinho (falou o chefe da família).

Então, boa noite meus senhores!

Que horror!!! — disse saindo.

António F. Côhen Sarmento

Decifração das anteriores:

- 1 — Redondo
2 — Setubal

O director de um hospital de doidos, despedindo-se amigavelmente de uns visitantes:

— Meus senhores, sempre que queíram... dão-me muito prazer! Lembrem-se de que esta casa é vossa!